

## **Caem os muros: A introdução de um estudo<sup>1</sup>** **Pulling down the walls: an introduction to a study**

Sandra Regina Ramalho e Oliveira<sup>2</sup>

*Resumo:* Este artigo uma adaptação da introdução de um projeto de pós-doutorado. Partindo das atuais tendências de globalização, multiculturalismo e de eliminação de fronteiras entre as áreas de conhecimento, percebe-se que muitas hegemonias são mantidas. Como se dá o problema no âmbito da academia? Como nela se dão às relações entre o estudo das linguagens, entre elas, das linguagens visuais?

Diferenças; identidade e relações de poder são as principais questões levantadas.

*Palavras-chave:* semiótica - relações culturais - identidade

*Résumé:* Cet article c'est une adaptation de l'introduction d'un project de postdoctorat. On départ de la tendance actuelle de mondialisation, de les intérêts par le multiculturalisme et du désir de l'élimination des frontières. Mais il y a des hégémonies qui continuent. Comment le problème arrive à l'académie? Comme on en trouve aux relations entre les langages, parmi-t-ils, les langages visuels? Différence, identité et relations de pouvoir sont les questions principaux.

*Mots-clef* sémiotique - relations culturelles - identité

Acreditamos ser possível afirmar que uma das características mais acentuadas do pensamento e da vida social do fim do milênio - e, por ser processo, do início do milênio que começa - é a do anseio coletivo da eliminação de fronteiras. E difícil se torna expressar em palavras este fenômeno sem o uso de metáforas, ainda que quase todas elas conservem a validade no seu sentido *lato*. Neste contexto, talvez a queda do muro de Berlim seja o exemplo mais emblemático.

Muitos conceitos fazem parte deste pensamento de época, tais como globalização (ou *mondialisation*, em francês), multiculturalismo, interdisciplinaridade: até mesmo a noção de pós-modernidade guarda aspectos relacionados á transposição, á anulação ou, até mesmo, á ridicularização de limites, históricos e estéticos.

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma adaptação da introdução do Projeto de Pesquisa de Pós-Doutorado, cujo título é *Arte, Estética do Cotidiano e Re!ações Culturais*.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica. Professora do Departamento de Artes Plásticas, do Centro de Artes da UDESC, desde 1987.

No âmbito da comunicação, o acesso à informação em tempo real nos coloca em linha direta com todo o mundo, via tevê; e a Internet vem provocando uma revolução cujas repercussões ainda são imprevisíveis, já que seu uso se amplia gradativamente, tanto quanto aos objetivos como quanto ao número de usuários.

Em termos políticos e econômicos, com inevitáveis conseqüências culturais, os países se reúnem em grandes conglomerados, ensejando novos costumes, como a unificação de moedas, o livre comércio, caracterizado pela isenção de impostos de exportação e, até mesmo, através de fatos aparentemente simples, como a dispensa de vistos para cidadãos estrangeiros nas fronteiras. Como pode ser observado, um procedimento com forte teor simbólico. Mas existem determinadas hegemonias que permanecem. E elas ameaçam os mercados em meios de se homogeneizar. Qualidade? Marketing?

A influência do Hemisfério Norte sobre o Hemisfério Sul, neste contexto, ainda é evidente, tendo como base o Brasil. A melhor lã do mundo é a escocesa. Paris ainda dita a moda, embora Milão já seja uma grande rival, e malgrado uma nascente indústria do vestuário nacional tente inserir, no cotidiano das brasileiras, uma moda autóctone, de acordo com nossa identidade cultural. Mas acabam prevalecendo as modelagens importadas, usadas sempre com um semestre de *atraso*, devido às diferenças climáticas. E ridiculamente *kitsch*, sendo de propósito redundante, ver nos pontos de ônibus, no tórrido verão tropical, mulheres do povo usando mangas compridas e saias longas até os pés.

Para o brasileiro - e, principalmente, para as brasileiras - o que é francês é *chic*. Assim mesmo, “chic”: esta é a palavra utilizada, no Brasil, para designar qualquer coisa que seja símbolo de *finesse*. Questiona-se novamente: qualidade? marketing? ou uma grande competência estética? Até que ponto os muros são invadidos por dominação, vale dizer, superioridade, seja ela tecnológica, científica, econômica ou cultural? Até que ponto os muros são derubados por interessese mútuos, recíprocos? Como são consideradas as diferenças? E as similaridades, elas são esquecidas?

Voltando o foco para uma visão mundial, na dimensão política e cultural - e também econômica - novas correntes migratórias, surgidas na segunda metade do século passado, diferenciadas daquelas ocorridas quando da colonização do Novo Mundo, fazem as preocupações se voltarem para as questões étnicas, as quais também abrangem os elementos da antiga composição do mosaico cultural. *Black is beautiful*, todos dissemos. Mas, e daí?

Diversos são os campos de conhecimento que vêm se dedicando ao estudo desses conceitos e dos fenômenos que lhes são correspondentes, sendo que a Semiótica, por seu caráter interdisciplinar *per si*, caracteriza-se como um *locus* privilegiado para o avanço da compreensão de toda essa *mélange* cultural, que também é política e econômica.

Semprini<sup>3</sup>, após identificar quatro modelos distintos de espaço multicultural, ressaltando que esses modelos não esgotam as possibilidades de configuração do multiculturalismo, afirma que tais modelos

“mostram a dificuldade de conceber um espaço ‘autenticamente’ multicultural, onde os diferentes grupos possam ver satisfeitas suas demandas de reconhecimento e de identidade, mantendo preservada a possibilidade de

---

<sup>3</sup> Semprini. *Le Mirlticulturalisme*, pp. 97-107.

existência de uma dimensão coletiva - ultrapassando os horizontes da etnicidade - e de instituições igualitárias e democráticas.”<sup>4</sup>

Uma nova utopia? Talvez, pois a questão que perpassa todos os aspectos que exemplificam o contexto social do início do milênio é a do difícil ajuste entre as evidentes diferenças e as possíveis equivalências, nas mais diversas dimensões. E como preservar a identidade em uma proposta igualitária?

É a partir da queda dos muros que se tem a possibilidade de juntar duas ou mais grandezas; e elas são percebidas diferentes através das comparações. Mas as comparações possibilitam estabelecer correlações tanto entre as diferenças quanto entre as similitudes. E isto é pressuposto para a tentativa de ajuste, aqui definido como uma espécie de pacto de convivência não coesa nem caótica, mas suplementar e recíproca.

Mas, no fundo, tudo é uma questão de poder.

Tradicionalmente refratário, o ambiente onde é gerado e disseminado o conhecimento, a Universidade, parece querer permanecer *acima* (acabando por ficar *atrás*) de uma tendência concreta da realidade social.

Ao se transpor o princípio da queda de barreiras - ou da tentativa de - para o mundo acadêmico, percebe-se o quanto ele pode ser ameaçador. Isto porque as relações de poder se instalam na Universidade a partir do *domínio* das respectivas áreas de conhecimento, dentro das quais os professores se fecham.

A estrutura departamental reúne *pares*, tendo como paradigma determinada área de conhecimento. Daí, surge o fenômeno denominado *corporativismo*, isto é, o Departamento delibera sobre assuntos relativos aos seus próprios componentes, gerando um processo contínuo de auto-proteção, tanto nas questões burocráticas quanto nas acadêmicas. Por outro lado, o enclausuramento em áreas específicas de conhecimento gera uma espécie de acomodação, pois uma justificativa para a omissão sempre bem aceita no meio acadêmico é o fato de a questão em debate não ser da área de quem se omite.

No caso brasileiro, as instituições oficiais de fomento a pesquisa reforçam o compartimentalismo dos campos de conhecimento, pois criaram códigos numéricos para classificar as chamadas áreas e subáreas. Mas seu sistema de, códigos deve ser revisto permanentemente, não só para contemplar as novas áreas que surgem, em consonância com as características inerentes ao caminhar das ciências, mas igualmente para ensejar a inclusão de campos híbridos e transdisciplinares em seu sistema classificatório, já que ele existe, pois estes problemas explicitam a inadequação de se traduzir o pensamento em números.

Assim sendo, os *guetos* se consolidam, porque são confortáveis. E determinadas áreas de conhecimento que se propõem a transitar entre campos do saber podem se caracterizar como ameaçadoras ao *status quo*, pois pressupõem a *invasão* de áreas herméticas. E o caso da Ergonomia, que não mais tem se restrito às relações de adequação entre homem e máquina; da Engenharia de Produção, que considera engenharia todo o tipo de construção humana, incluindo aí a construção do conhecimento. E aqui se insere também a Semiótica, “a ciência geral de *todas* as linguagens”<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Tradução, do original em francês, pela pesquisadora.

<sup>5</sup> L. Santaella, *O que é Semiótica*, p. 7. grifos nossos.

Neste sentido, a Lingüística, que é considerada ancestral de uma das matrizes da Semiótica, também se caracteriza como um campo do saber transdisciplinar, fazendo então parte desse *clube* de invasores. Isto fica claro nas seguintes afirmações de T. C. Netto:

“(...) apresentando-se assim a linguagem como um dos fundamentos das sociedades humanas, *não* era difícil prever que a teoria lingüística acabaria por ser solicitada a prestar contas do que ocorria em outros campos gerados e sustentados por aquela matriz fundamental: o campo da arte, da arquitetura, do cinema, do teatro, da psicanálise, da sociologia e outras áreas.<sup>6</sup>”

Eis aí, então, o caráter transdisciplinar da Lingüística, a qual, sendo uma das matrizes semióticas, transferiu-lhe diretamente esse caráter. E conclui o autor seu pensamento sobre a Lingüística: “E mesmo sem convite ela acabaria, simplesmente, invadindo esses domínios<sup>7</sup>”.

Esta é uma breve exemplificação de alguns dos motivos que determinam a situação de resistência encontrada quando se propõe investigar objetos de estudo que se situam em *searas alheias*, ou quando se adota um instrumento que permite permear diversos objetos de estudo e, mais ainda, quando se pretende transitar entre diferentes campos do conhecimento.

Enfim, tudo é uma questão de poder.

Mas o foco específico deste estudo se lança sobre o sistema das linguagens visuais e, mais detidamente, sobre um trânsito analítico entre manifestações desse sistema, sejam elas objetos estéticos ou obras de arte.

A respeito dessa classificação, que como toda organização em classes, interpõe barreiras, Mukarovsky<sup>8</sup> nos apresenta um critério para o estabelecimento da diferenciação, baseado nas funções das imagens. Para o autor, quando a imagem ou o objeto propõe como função principal a função estética, temos uma obra de arte; e quando alguma outra função utilitária se sobrepõe á estética, estamos diante de um objeto ou imagem estética. Mas seria a função o único ou melhor critério para distinguir uma imagem artística de uma imagem estética, nos dias de hoje?

Ou seria possível, ainda, estabelecer essa diferenciação? Este é um pressuposto que merece agora um retorno, no contexto de queda de muros, uma vez que já foi abordado em um estudo anterior<sup>9</sup>.

O sistema visual pode ser considerado como um subsistema do grande sistema das artes. Um olhar para a totalidade deste sistema pressupõe visão abrangente e tarefa infinda. Hegel, em seus Cursos de Estética, tentou fazê-lo; sob o ponto de vista da filosofia, estudou a escultura, a arquitetura, a pintura, a música, a literatura, tendo concluído, entre outros

---

<sup>6</sup> J. T. Coelho Netto. *Semiótica, Informação e Comunicação*, p. p. 15-6.

<sup>7</sup> *Idem, ibidem*

<sup>8</sup> J. Mukarovsky, *Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte*. p. 26.

<sup>9</sup> S. R. Ramalho e Oliveira. *Leitura de Imagens para a Educação*, tese de dout.

postulados que a arte é uma totalidade, um organismo ordenado e articulado que

“dado previamente aos nossos olhos como diferenciado em visões do mundo essencialmente distintas, se apresenta desta vez dissociado em membros separados, cada um dos quais se transforma num todo independente e é chamado, neste independência e nesta individualidade, a representar a totalidade das formas diferentes. (...) Este mundo da arte real forma o *sistema das artes particulares*.<sup>10</sup>”

Muitos são os estudiosos que propõem modos de correlacionar manifestações de diferentes códigos<sup>11</sup> estéticos. Souriau<sup>12</sup>, ao fazê-lo, conceitua a Estética Comparada, como a “disciplina cuja base é o confronto das obras em si e dos procedimentos das diferentes artes, tais como a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a poesia, a dança, a música, etc.” Jakobson<sup>13</sup> defende a *transposição intersemiótica*, por exemplo, a transposição da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura, uma vez que, segundo ele, “numerosos traços poéticos pertencem não apenas ciência da linguagem, mas a toda a teoria dos signos.” E estende sua postulação, afirmando que isso vale “tanto para a arte verbal como para todas as variedades de linguagem, de vez que a linguagem compartilha muitas propriedades com alguns outros sistemas de signos, ou mesmo com todos eles.”

Diante destas afirmações, e se considerando que é possível reunir toda a produção artística em um sistema, como quer Hegel, para efeito de comparação, ou mesmo em subsistemas, como o visual, pressupõe-se a existência de campos associativos que possibilitam o estabelecimento de correlações.

Quais seriam as semelhanças que unem as manifestações distintas? E quais as diferenças, que permitem manter a sua identidade? Ou quais as *analogias* e *antianologias*, para usar palavra de Wölheim? Quais as *propriedades compartilhadas* que sugere Jakobson? E qual a origem desses termos comuns? Qual a importância desse conhecimento para a academia, a produção estética, ou mesmo para a vida cotidiana do cidadão comum?

Por que é tão complexo estabelecer uma ponte entre as questões cifradas das linguagens visuais e a vida cotidiana? Uma questão de poder?

---

<sup>10</sup> G. W. F. Hegel. *Curso de Estética: o sistema das artes*, p. 4.

<sup>11</sup> Adotamos a classificação usada no estudo *Leitura de Imagens para a Educação*, op. cit., com base em conceitos de Greimas & Courtés, in *Dicionário de Semiótica: código*, considerado como conjunto das unidades morfológicas e dos “procedimentos de seu arranjo (sua organização sintática), sendo que a articulação desses dois componentes permite a produção de mensagens;” sistema, como “conjunto de campos associativos (...) cujos termos mantêm entre si ‘relações associativas’ que colocam em destaque as semelhanças que os unem e as diferenças que os opõem.” Assim, cada sistema terá códigos como subsistemas; no caso do sistema visual, ele se compõe de códigos (campos associativos) como a pintura, a fotografia, a escultura, o design de produto, a moda, a arquitetura.

<sup>12</sup> E. Souriau. *A Correspondência das Artes*. p. 19.

<sup>13</sup> R. Jakobson. *Linguística e Comunicação*. p. p. 72-119.



Referências Bibliográficas:

- COELHO NETTO, *Semiótica, Informação e Comunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- GREIMAS, A. J. & J. COURTÉS, *Dicionário de Semiótica*. Trad. de Alceu Dias Lima e outros. São Paulo, Cultrix, 1989.
- HEGEL, G.W. F. *Curso de Estética: o sistema das artes*. Trad. de Álvaro Ribeiro. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1990.
- MUKAROVSKÝ, J. *Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte*. Trad. port. de Manuel Ruas. Lisboa, Estampa, 1988.
- RAMALHO E OLIVEIRA, S. R. *Leitura de Imagens para a Educação*. São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica – PUCSP, 1998. Tese de Dout.
- SANTAELLA, L. *O que é Semiótica*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SEMPRINI, A. *Le Multiculturalisme*. Paris, Presses Universitaires, 2000.  
\_\_\_\_\_. *La Marca*. Milano, Lupetti, 1995.
- SOURIAU, E. *A Correspondência das Artes*. Trad. de Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto e Maria Helena Ribeiro da Cunha. São Paulo, Cultrix/USP, 1983.
- WÖLHEIM, R. *A Arte e Seus Objetivos*. Trad. de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

